

SUSANA ARAÚJO
A Língua Insolvente

Logo no título, Dívida Soberana (Mariposa Azul), de Susana Araújo, remete para tempos de corrosiva austeridade vividos em Portugal desde que foi assinado o memorando da troika. Neste conjunto de poemas sobre “um país que tomba que se dobra e desdobra, revertendo para dentro de si mesmo,” é a própria língua oficial – o português de uso quotidiano – que sofre uma espécie de insolvência, rendendo-se à lógica economicista que domina cada vez mais todos os aspetos da vida coletiva. Se aos poucos a crise vai surgindo na literatura (veja-se, na ficção, a abordagem feita por Rui Zink em A Instalação do Medo, romance editado pela Teodolito), nunca até agora afetara tanto a própria linguagem como neste poderoso livro de estreia. O principal achado de Susana Araújo está no plano da semântica. O jargão económico que invadiu a imprensa e os telejornais («montante cambial», «causa macroeconómica» «spread», etc.) é aqui usado num duplo sentido, fazendo a ponte entre os grandes cataclismos financeiros e as pequenas desgraças pessoais, nomeadamente no campo das relações afetivas. Assim, um poema intitulado «Programa de Estabilidade e Crescimento», por muito que refira o FMI, não deixa de ser sobre «doméstica suturas». Sem surpresa, impera o desencanto e a aflição. Portugal insinua-se como «mental lixeira, raso fosso», um corpo sedado que mal respira. Há uma espécie de «afasia» que não é silêncio, é antes raiva gritada no papel, «densa de figurações a tinta sépia». As pessoas calculam prejuízos e penhoras, preenchem formulários dos Censos, temem o desemprego dos dias, dispõem-se a tudo na sua condição de «jovens muito velhos». E a autora fixa tudo isto em versos trabalhadíssimos, uma escrita de «costuras/raspadas e cerzidas, na tentativa de/ expelir um país em chamas onde o/Tecnocrata ternamente rege, ruge e cospe». Alguns poemas, menos conseguidos, perdem-se num arrevesamento barroco ou no virtuosismo verbal inócuo, mas os que acertam, acertam na mouche: «a verdade tem olhos vermelhos/mas já não tem força/para morder.»

José Mário Silva